

**GRAFITE COMO FORMA DE SIGNIFICAR.
A PRODUÇÃO INTERVENCIONISTA URBANA
NO CENTRO HISTÓRICO DE SALVADOR**

Patrícia Rebouças Oliveira (UNEB)

oliveira.patricia@outlook.com.br

Gilberto Nazareno Telles Sobral (UNEB)

gsobral@uneb.br

RESUMO

O grafite é uma manifestação artística feita por sujeitos que constituem o espaço urbano, a fim de ressignificar a arquitetura da cidade e os lugares, em geral, marginalizados. Analisar uma produção intervencionista a partir de uma perspectiva discursiva em que se confronta o político e o simbólico constitui um movimento imprescindível para compreender como esse espaço significa e produz sentidos. Por ser o grafite um registro artístico que tem visibilidade, escolhe-se fazer uso dessa materialidade, porque além de remeter a um caráter crítico-social, é uma ferramenta importante na criação de novos valores e na desconstrução de preconceitos enraizados na sociedade. Com esta pesquisa busca-se compreender como essa produção significa no espaço urbano que é o Centro Histórico de Salvador e como produz sentidos relacionados com os já ditos. Desta forma, foi usada como base teórica a Análise do Discurso (AD) francesa, proposta por Pêcheux (1997) e as contribuições de Orlandi (2009), utilizando as noções de ideologia, formações discursivas, sujeito discursivo, interdiscurso e relações de força. Quanto à metodologia, esta pesquisa será orientada pela análise qualitativa do objeto.

Palavras-chave:

Grafite. Sentidos. Espaço Urbano.

ABSTRACT

The graffiti is an artistic expression made by subjects that constitute the urban space, in order to resignify the architecture of the city and the places, in general, marginalized. Analyzing an interventionist production from a discursive perspective in which the political and the symbolic are confronted constitutes an essential movement to understand how this space means and produces meanings. Because graffiti is an artistic record that has visibility, we choose to make use of this materiality, because in addition to referring to a critical-social character, it is an important tool in the creation of new values and in the deconstruction of prejudices rooted in society. This research seeks to understand how this production means in the urban space that is the Historic Center of Salvador and how it produces meanings related to those already said. Thus, the French Discourse Analysis (AD) proposed by Pêcheux (1997) and Orlandi's contributions (2009) were used as a theoretical basis, using the notions of ideology, discursive formations, discursive subject, interdiscourse and power relations. As for the methodology, this research will be guided by the qualitative analysis of the object.

Keywords:
Graphite. Senses. Urban Space.

1. Introdução

A análise do discurso é uma teoria que permite a problematização das maneiras de ler, abandonando a ideia de sentido único e verdadeiro que se tinha sobre um determinado texto. É um campo de conhecimento que investiga e analisa a linguagem, considerando-a uma prática em que se relaciona com o simbólico e com o político, que nos leva a um outro nível de reflexão e nos faz perceber que não há neutralidade, até mesmo no que não foi dito.

Sendo assim, a maior contribuição da Análise do Discurso é que ela “nos coloca em estado de reflexão e, sem cairmos na ilusão de sermos conscientes de tudo, permite-nos ao menos sermos capazes de uma relação menos ingênua com a linguagem” (ORLANDI, 2009, p. 9). Por este motivo, é importante situar que

A Análise do discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com as maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. (ORLANDI, 2009, p. 15-16)

A partir desse contexto, analisa-se a língua relacionando-a com os sujeitos que a falam, ou seja, a linguagem associada à sua exterioridade em uma proposta em que o político e o simbólico se confrontam. É neste momento, que se delimita o *corpus* deste trabalho: analisar discursivamente uma produção intervencionista urbana, neste caso um grafite, a fim de identificar como se dá a produção de sentidos, levando-se em consideração o espaço, os falantes e o social.

Apesar de já ter sido associado a atos de contravenção, o grafite será abordado aqui como uma manifestação autêntica e legítima de arte, reconhecido por seu valor cultural e social. No entanto, além da valorização artística, será abordado também como modificador do espaço urbano em que está inserido, que, neste caso, é o Centro Histórico da cidade de Salvador.

O espaço urbano citado anteriormente é o grande cenário para a construção deste trabalho, pois é nele que estão inseridos os grafites e ele é essencial na contextualização das análises que aqui serão feitas. Desta forma, a cidade é entendida como um espaço além de real, simbólico,

marcado historicamente, que tem suas materialidades e que produz suas próprias formas de significar. Além desse olhar para a cidade, será feita também uma breve abordagem sobre os sujeitos que nela habitam/transitam.

O espaço urbano que será analisado nesse trabalho é o Centro Histórico de Salvador, isso porque:

Salvador é uma cidade que, devido a sua historicidade baseada na heterogeneidade de etnias, apresenta uma gama extensa de diversidades culturais, linguísticas, religiosas e ideológicas. Tal fato é relevante para que se realize uma pesquisa científica que tome como objeto a linguagem e os discursos que circulam no espaço urbano de Salvador. (SOBRAL *et al.* 2012, p. 7)

Desta forma, objetiva-se com este presente trabalho a discussão e análise de um grafite enquanto produção intervencionista tomando como base os pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha Francesa, proposta por Michel Pêcheux e as contribuições da pesquisadora brasileira Eni Orlandi, buscando compreender como os discursos se textualizam neste lugar de interpretação, como se constituem pela linguagem e como produzem efeitos de sentidos entre interlocutores.

2. Pressupostos teóricos da análise do discurso

A Análise do Discurso (AD) é uma teoria que se fundamenta em três áreas do conhecimento: Linguística, Materialismo Histórico e Psicanálise. Foi idealizada pelo francês Michel Pêcheux, na década de 60 do século XX e busca compreender as construções ideológicas presentes em diferentes materialidades discursivas, ou seja, é uma reflexão sobre a linguagem, sobre os sujeitos e sobre a história. Assim, “na análise do discurso, procura-se entender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (ORLANDI, 2009, p. 15).

O objeto de análise dessa teoria é o discurso definido como um lugar de interpretação e produção de sentidos a partir da relação com a sociedade; é a palavra em movimento. O discurso pode estar representado em materialidades discursivas variadas, como, por exemplo, em textos escritos, letras de músicas, poesias, discursos orais, pinturas, imagens, entre outros. Para a AD, todo discurso é uma construção social, que reflete uma visão de mundo vinculada a de seus autores e à sociedade em que vivem e que só pode ser analisado considerando seu contexto histórico-social e suas condições de produção, que estão relacionadas ao contexto.

Assim, o discurso é uma construção linguística relacionada ao contexto social no qual o texto é desenvolvido, pois

[...] não se trata da transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. (ORLANDI 2009, p. 21)

O efeito de sentido produzido a partir de uma análise não é fixo, por vários motivos: pelo contexto, pela estética, pela ordem do discurso, pela sua forma de construção, por isso, para a AD não existe um só sentido, uma só verdade. Dito isto, nota-se que esta corrente teórica não se resume ao estudo da língua nem da gramática e, sim, dos sentidos que esta permite enquanto prática simbólica que constitui o homem e a sociedade. É através da linguagem que o homem significa e significa-se.

A ideia de conteúdo “o que o texto quer dizer” é abandonada em AD, porque a linguagem não é transparente como se pensava. Não existe um único sentido possível, verdadeiro e exclusivo para um dado discurso e, sim, variados sentidos dentro de contextos distintos. Sendo assim, a língua não é mais vista como uma unidade fechada, ela é um acontecimento e a ligação entre linguagem/pensamento/mundo não é direta, pois, a Análise do Discurso “não procura um sentido verdadeiro através de uma ‘chave’ de interpretação. Não há chave, há método, há construção de um dispositivo teórico” (ORLANDI, 2009, p. 26)

Assim como a noção de língua fechada e de sentido verdadeiro é descartada na Análise do Discurso, desta forma também a noção de indivíduo é deixada de lado para dar lugar à noção de sujeito do discurso ou sujeito discursivo. Ao adotar esse conceito de sujeito discursivo e não de indivíduo, descarta-se também a intenção do falante, ou seja, não interessa o que o autor quis dizer, mas sim, quais os efeitos de sentido são possíveis entre seus interlocutores levando em consideração a língua em relação à sua exterioridade.

O conceito de ideologia na Análise do Discurso é muito importante, pois como já dito, é por meio da interpelação ideológica que o indivíduo se torna sujeito do discurso. Assim, a ideologia é a condição para a construção dos sujeitos, dos sentidos e representa um conjunto práticas, sendo que “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia” (PÊCHEUX 1975 *apud* ORLANDI, 2009, p. 17), e é essa ideologia que determina como se deve pensar.

Essa noção nos leva ao conceito das formações discursivas, que são aquelas que autorizam o que pode e o que deve ser dito a partir das ideologias presentes no discurso, ou seja, elas são “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1997, p. 162).

No que se refere ao trabalho de memória, que faz o discurso ter ligação com os já ditos, é chamado de interdiscurso. Ele é o entrelaçamento de diferentes discursos oriundos de diferentes momentos e de lugares sociais distintos permitindo que dentro de uma formação discursiva exista a circulação de outras formulações e isso não ocorre de forma consciente. Desta forma, textos, imagens, grafites, onde os discursos são materializados, têm relação com outros textos (existentes, possíveis ou imaginados), com suas condições de produção (os sujeitos e a situação) e com a exterioridade constitutiva (o que fala antes, em outro lugar).

Finalmente, para uma melhor contextualização deste trabalho, será utilizada na análise do grafite, a noção de relações de força, proposta por Pêcheux, que faz parte da noção de formações imaginárias e “são as imagens que constituem as diferentes posições” (ORLANDI, 2009, p. 39), passando das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos nos discursos.

3. A cidade e os sentidos

De acordo com a teoria apresentada anteriormente, neste trabalho busca-se compreender o espaço urbano que é a cidade de Salvador e seu Centro Histórico como um todo estruturado, porém não homogêneo, funcionando a partir de movimentos dispersos que criam narrativas sobre este lugar extremamente agitado ligando-se ao real e produzindo sentidos, por meio de intervenções como o grafite.

Para Orlandi, estudar a cidade “nos conduz a colocar a questão do que é o espaço urbano numa perspectiva discursiva em que a história e a língua se articulam produzindo sentidos” (ORLANDI, 2005, p. 185). Sendo assim, falar da cidade de Salvador implica imediatamente pensar no carnaval e nas praias, já que a cidade é frequentemente concebida como uma “colônia de férias”, fato que se deu depois que Salvador deixou de ser a Capital do Brasil e, principalmente, quando São Paulo se tornou um polo de industrialização decorrente da modernidade, fazendo surgir,

então, dizeres até hoje propagados, de que São Paulo é o lugar de trabalho e a Bahia é o lugar da preguiça, da vida fácil.

Por outro lado, pensar a cidade de Salvador é também remeter ao Centro Histórico, ao Pelourinho; um lugar de lutas, sofrimentos e conquistas, carregado de uma memória discursiva que permite variados sentidos, entre eles,

A posição privilegiada de um centro em relação ao seu entorno se dissolve por uma verticalização social extrema de relações urbanas: o centro é habitado pelos pobres, pelos meninos de rua, comércio informal, misturados a resíduos do antigo centro valorizado. Os ricos vivem em outros lugares – em seus nichos (condomínios fechados) – frequentando centros comerciais especializados, não acessíveis aos pobres. (ORLANDI, 2005, p. 188)

Desta forma, observa-se que “no espaço público que é a cidade, não há consenso que não seja imaginário: o discurso social não é homogêneo e dá lugar a diferentes movimentos de discurso que se cruzam no espaço urbano” (ORLANDI, 2005, p. 187). Assim, dizeres como os já citados, serão sempre utilizados quando o assunto for a cidade de Salvador, pois os já-ditos se atualizam influenciando aqueles que ainda serão, ou até mesmo nos que não serão ditos.

1.1. A cidade de salvador

Conhecida por seus inúmeros pontos turísticos e suas praias, Salvador, a capital do Estado da Bahia, foi a primeira capital do Brasil, fundada em 1549, pelos portugueses e situa-se às margens da baía de Todos os Santos. A cidade foi a capital do Brasil até 1763, fora escolhida porque tinha o maior Porto do Atlântico e por causa da produção açucareira, que, na época, era o que matinha a economia brasileira.

Por volta do século XVIII, a cidade tornou-se palco de diversos movimentos pela independência nacional; até que em 1763 a capital do Brasil foi transferida para o Rio de Janeiro e teve início uma fase de queda gradual e contínua do seu ritmo de crescimento. Salvador se desenvolveu em dois níveis: a Cidade Baixa e a Cidade Alta. A Cidade Baixa é o núcleo das atividades portuárias e comerciais, principalmente do setor atacadista. Na Cidade Alta, os bairros residenciais contornam o Centro Histórico, que se caracterizam pelo comércio varejista. No final do século XIX, o ritmo de crescimento foi retomado e se acelerou na segunda metade do século XX, graças à exploração do petróleo. Porém, esse cres-

cimento agravou os problemas sociais e a população mais pobre foi ficando cada vez mais concentrada em bairros que se estendiam em direção norte, geralmente sem infraestrutura urbana.

Salvador é um dos maiores centros turísticos do país e se destaca por ter características muito específicas. Tem clima quente e ensolarado o ano todo, belas praias, manifestações culturais diversas, culinária rica, música, sincretismo religioso e um cenário arquitetônico excepcional; além das festas religiosas como as do Senhor do Bonfim e Iemanjá, e as profanas como o carnaval, com seus trios elétricos e a multidão nas ruas.

Apesar dessa imagem turística, a cidade de Salvador conta com muitos outros dizeres estereotipados ou não, que se cristalizaram e acabaram por caracterizá-la. Esses dizeres podem ser positivos como: “Salvador é um dos destinos turísticos preferidos do Brasil”, Salvador é uma cidade linda e ensolarada”, Salvador é uma cidade musical e de muito axé”, “Salvador é a cidade mais negra fora da África”; ou negativos como: “Salvador é uma das cidades mais violentas do Brasil”, “Salvador é uma cidade sem lei”, Salvador é uma cidade toda esburacada e com ladeiras”; e fazem parte da memória discursiva da cidade, isto é, dos já-ditos sobre ela.

A imagem de abandono, sem dúvidas, também é uma imagem que se tem de Salvador. Por se tratar de uma cidade grande e ser uma capital, alguns lugares acabaram sendo marginalizados e excluídos, ficando os privilégios apenas para a Orla e o Centro Comercial, que é onde está a burguesia. Assim, para compreender como funciona o discurso urbano no espaço simbólico da cidade de Salvador, partimos da concepção de Orlandi (2004), quando diz que apesar de a cidade ter uma organização institucionalizada, do ponto de vista simbólico, a desorganização é necessária à organização e quando pensamos nas ações daqueles que nela vivem, conseguimos perceber as mais diversas relações sociais, fato que favorece uma movimentação de sentidos sobre ela.

1.2. O centro Histórico da cidade de Salvador

Diante das informações sobre a cidade de Salvador ditas anteriormente, é preciso destacar um lugar de muita importância para esta cidade, que é o Centro Histórico. O Centro Histórico da cidade de Salvador é um grande centro cultural, com museus, igrejas, monumentos artísticos, históricos e conjuntos arquitetônicos singulares como o Pelourinho, por

exemplo, tombado pela UNESCO, em 1985, e considerado patrimônio histórico da humanidade.

Essa região da Cidade Alta é o mais antigo centro histórico da cidade, com construções dos séculos XVII e XVIII. E,

De acordo com Miranda (2002), até o final do século XIX, o Centro Histórico de Salvador (CHS) era o local de moradia das famílias mais nobres e, só a partir da abolição da escravatura, em 1888, essa população passa a ocupar outras áreas da cidade, como o Corredor da Vitória, sendo assim, o CHS passa a ser habitado pelos imigrantes. A partir de 1930, os casarões começam a ser ocupados por pessoas com menor poder aquisitivo e, entre as décadas de 70 e 80 do século XX, uma nova relação simbólica é estabelecida, uma vez que o referido local é tomado por uma grande degradação, cuja população local vê-se obrigada a conviver com a marginalidade, o tráfico de drogas e a prostituição a todo momento. Os antigos casarões que representavam poder sócio-econômico passam a ter aspectos de abandono, e, assim, ganham novos sentidos: de pobreza, abrigo de marginais, enfim, de total desvalorização. (SANTOS; SOBRAL, 2013, p. 70-1)

Já no fim do século XX, foi feita uma obra de recuperação da paisagem do Pelourinho, que estava com prédios em ruínas ou em franca decadência, a qual devolveu a beleza a uma boa parte dos casarões seculares.

O projeto de restauração, iniciado em 1991, tinha como objetivo principal restaurar os quarteirões e não os imóveis de maneira isolada, como estava sendo feito anteriormente, a fim de otimizar os recursos e evitar que os casarões se deteriorassem mais rápidos. (MIRANDA, 2002, p. 18 *apud* SANTOS; SOBRAL, 2013, p. 71)

Desta forma, o Centro Histórico é um lugar real, mas também simbólico; pois além de ser um forte ponto turístico da cidade de Salvador, é marcado por um misto de sentimentos: luta, força, revoltas e conquistas. No entanto, neste trabalho não se pretende dar conta de todos os discursos (e nem seria possível) que circulam sobre o Centro Histórico significando-o e ressignificando-o, seja pela amplitude do lugar, seja pelas múltiplas materialidades que o compõem.

Falar sobre a cidade de Salvador e do seu Centro Histórico, no entanto, não é só falar da questão estrutural, é também refletir como ela é vivenciada por aqueles que nela estão inseridos. Sendo assim, para uma melhor contextualização da teoria proposta nesse trabalho, é de extrema importância falar os sujeitos que compõem a cidade, pois não seria possível

Um olhar sobre o referido espaço sem pensar que os sentidos são produzidos por sujeitos que se relacionam de formas diversas, interpelados por

ideologias diversas, sempre a partir da relação com os lugares sociais por eles ocupados, por exemplo, o lugar do turista brasileiro, de turista estrangeiro, de trabalhador, de proprietário, de religioso, de morador local, de morador de outro local da cidade, entre tantos outros. (SANTOS; SOBRAL, 2012, p. 74-5)

Por isso, ao mesmo tempo que falamos da cidade enquanto espaço de produção de sentidos, pensamos nos sujeitos que nela habitam/transitam seja numa dimensão material seja numa dimensão simbólica, colocando-os

Como uma posição-sujeito significativa: no sujeito o mundo faz sentido e a linguagem se diz, se realiza como discurso. O sujeito é parte do acontecimento do significante. Assim, nossa finalidade é pensar como a cidade faz sentido no sujeito e como ela se diz nele, como o sujeito se constitui enquanto posição-sujeito urbano e como ele significa (se significa) na cidade. (ORLANDI, 2005, p. 187)

Desta forma, serão aqui considerados, os indivíduos que ali circulam e que, interpelados pelas inúmeras ideologias, subjetivam-se em sujeitos de discursos e a partir desse olhar é que podemos entender melhor o funcionamento do discurso na cidade, quando na constituição do sujeito observamos a maneira como vive, como se comunica e como resiste, fazendo sua voz ser ouvida por meio de suas manifestações sociais, neste caso, o grafite. Só assim, “poderemos compreender como esse sujeito, afetado pela política do dizer, ao ‘encontrar’ palavras, afetado pela história, torna um dizer possível (ORLANDI, 2001, p. 11).

2. A produção intervencionista urbana – grafite

Tomando como base uma sociedade que convive com desigualdades sociais, preconceitos, marginalizações e exclusões, as produções artísticas intervencionistas do espaço urbano têm a função de garantir voz a uma parcela significativa da população. Assim, manifestações como o grafite e a pichação tomam força e se tornam um interessante objeto de estudo, tendo em vista o seu poder de gerar reflexões e experiências no seu público e, assim, dar visibilidade a causas desconhecidas por alguns e ignoradas por outros.

Por ser o grafite um registro artístico que busca, essencialmente, um grande alcance público, escolheu-se, neste trabalho, fazer uso dessa materialidade discursiva, porque além de remeter a um caráter crítico-social, é uma ferramenta importante na criação de novos valores e na desconstrução de preconceitos enraizados na sociedade

O grafite é uma manifestação artística feita por sujeitos que habitam, transitam e constituem o espaço urbano. Pode ser composta por simples palavras inscritas ou por pinturas elaboradas feitas em paredes. É conhecida por ser uma produção que critica e denuncia as mazelas sociais, ou seja, uma ação que além de marcar um determinado lugar e possibilitar o contato do público com a arte de forma gratuita, exposta em paredes, muros, fachadas e construções; é também uma forma que simboliza um processo identitário daqueles que são socialmente silenciados.

Desta forma, o grafite apropria-se do espaço urbano a fim de discutir, recriar e ressignificar através da interferência humana a arquitetura da cidade e os lugares, em geral, marginalizados e abandonados pela sociedade. Em outras palavras, o sujeito se manifesta nos textos produzidos, que são estampados nas ruas, geralmente em pontos de muito destaque, para que sejam vistos, pensados e respeitados.

Vale acrescentar que se considera aqui a concepção de grafite enquanto manifestação intervencionista urbana, pois, apesar de ser tão frequentemente associada a atitudes marginais e de destruição do espaço urbano, Orlandi (2004, p. 31) aponta que a cidade tem assim seu corpo significativo, e tem nele suas formas: “o rap, a poesia urbana, a música, os grafitos, pichações, inscrições, outdoors, painéis, rodas de conversa, vendedores de alguma-coisa, são formas do discurso urbano. É a cidade produzindo sentidos” (ORLANDI, 2004, p. 31).

Em Salvador, foi criado em janeiro de 2005, pelo então prefeito da cidade João Henrique de Barradas Carneiro, o projeto Salvador Grafita. A iniciativa da prefeitura foi feita em parceria com a Universidade Federal da Bahia (UFBA), com a finalidade de estimular jovens grafiteiros e pichadores a se desenvolverem artisticamente, aprimorando suas formas de expressão, além de contribuir para o embelezamento da cidade e para que os dizeres sobre essa arte fossem repensados pela comunidade.

5. Análise da materialidade discursiva

Figura 1: Grafite da Rua das Flores, Centro Histórico.



Fonte: Acervo particular da autora (2018).

O grafite acima é a materialização de um discurso de um indivíduo que sofreu uma interpelação ideológica, pois, para a Análise do Discurso, de acordo com Orlandi (2009), a ideia de indivíduo é substituída pela de sujeito, pois este, quando interpelado por ideologias, se torna um sujeito do discurso. Assim, ao adotar esse conceito de sujeito discursivo e não de indivíduo, descarta-se a intenção do falante, ou seja, não interessa o que o grafiteiro quis dizer com essa imagem e sim quais os efeitos de sentidos são possíveis entre interlocutores a partir da leitura deste grafite.

Como já dito, o sujeito discursivo é interpelado por uma ideologia que é a condição para a construção dos sujeitos e dos sentidos. Desta forma, nota-se no grafite que a interpelação ideológica sofrida pelo sujeito é a religiosa, identificada a partir das imagens do anjo e do diabo que estão uma em cada ombro do homem, que na imagem está vestido de preto.

A partir do interdiscurso que “disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2009, p. 31), analisamos o homem vestido de preto no grafite como um ser que ocupa um lugar de padre/pastor, não só pela roupa, (batina/padre e terno/pastor), mas também pela representação do anjo (bem) e do diabo (mal), que nos leva à conclusão, de que esse padre/pastor, tenta alienar ou doutrinar pessoas a partir de dizeres autorizados por forma-

ções discursivas cristãs.

Analisando o grafite, é possível produzir esses sentidos ligados à alienação ou doutrinação, pois o representante religioso (padre/pastor) está segurando a cabeça de um outro homem, que está numa posição inferior a este. Vale ressaltar que, apesar de existirem formações discursivas distintas (bem/mal) se entrecruzando dentro de uma só formação ideológica (religiosa), o representante cristão está segurando a cabeça do outro sujeito subordinado a ele, direcionando-a para o lado da esquerda, onde se tem a representação do demônio ou diabo, ou seja, à formação discursiva do mal, dentro do discurso religioso que autoriza dizeres como: “Se você não agir conforme a vontade de Deus, você irá para o inferno”, “Ande pelo caminho certo para não queimar eternamente no fogo do inferno”, “Cuidado com as investidas do inimigo”, “O mal está te cercando”, entre outros.

Observa-se que, com a doutrinação por meio da formação discursiva que autoriza dizeres para o lado negativo, fica mais fácil controlar as atitudes e a mente de um indivíduo, visto que o discurso usado é o do medo: “Se você não fizer assim, vai acontecer isso”. É importante ainda dizer que a imagem do religioso (padre/pastor) nos remete a uma memória discursiva que é a imagem de Jesus Cristo (um homem branco de cabelos longos) e que nos remete também a um discurso religioso proveniente da Bíblia que diz: “O homem deve se assemelhar à imagem de Cristo”, e como este homem ocupa um lugar de importância e poder dentro da religião, ele se assemelha a Cristo não só nas atitudes, mas também na aparência física.

Outro ponto analisado neste trabalho é a posição de inferioridade em que se encontra o outro sujeito presente na imagem. Além de este ser o alvo da doutrinação praticada pelo religioso, ele está situado numa posição de subordinação em relação à figura do padre/pastor. Observa-se, desta forma, a relação de força existente entre os sujeitos da imagem, pois “O padre fala de um lugar em que suas palavras têm uma autoridade determinada junto aos fiéis e como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na comunicação” (ORLANDI, 2009, p. 39-40). Isso nos leva à noção de que não há discursos que não se relacionem com outros, porque a Igreja, desde os primórdios, ocupa um lugar de muito poder, até mesmo mais do que o Estado e assim, consequentemente, a figura do padre é tida como um grande símbolo de autoridade, sendo aquele para quem se deve ter respeito e obediência.

Além disso, nota-se que o sujeito que está tendo sua mente controlada pelo religioso, é um ser que se apresenta sem as vestes, estando coberto apenas por uma espécie de lençol, e esta representação liga-se imediatamente à formação imaginária através dos estereótipos que circulam a respeito dos sujeitos que habitam o Centro Histórico de Salvador, pessoas marginalizadas e abandonadas pela sociedade, atingidas pela desigualdade, que não têm o que comer, não têm o que vestir e nem tampouco onde morar e que, por isso, habitam as ruas do Pelourinho e do Centro Histórico como um todo, já que este lugar também carrega dizeres que perpassam pela imagem de abandono.

Outra análise possível é a do religioso controlando a mente de um indivíduo a partir de uma formação ideológica proveniente do Cristianismo, como forma de silenciar outras manifestações religiosas diferentes desta, como se o representante religioso cristão entendesse sua religião como única e verdadeira, e a partir daí doutrinasse as outras pessoas, controlando suas mentes, impedindo, assim, outras manifestações. Esse sentido liga-se imediatamente através da memória a uma outra formação discursiva, que é a colonizadora, pois desde o período em que os portugueses chegaram ao Brasil, estes impuseram sua religião por meio do processo de catequização dos índios. Vale acrescentar que os responsáveis por essa imposição religiosa eram os padres jesuítas, e como se vê no grafite, este sujeito que está impedindo outras manifestações religiosas é novamente um representante cristão.

Esta análise se torna possível devido ao jogo de cores observado na imagem, já que o sujeito subordinado é representado de forma colorida, apontando para a diversidade religiosa, sobretudo no Pelourinho, que é um espaço de sincretismo e aberto a diversas manifestações, e o representante religioso veste apenas uma cor: o preto. Deixando no campo do implícito que só uma cor é possível, assim como só o Cristianismo é correto. Ressalta-se aqui que essa leitura não se relaciona à questão da cor e sim à quantidade desta, pois uma única cor liga-se a uma única religião e as variadas cores ligam-se à diversidade religiosa existente no Centro Histórico de Salvador.

Desta forma, essa leitura releva uma imposição religiosa por parte dos cristãos praticada desde o descobrimento do Brasil e isso se comprova a partir de dizeres já cristalizados na sociedade de que qualquer religião diferente do Cristianismo é errada e, assim, o ato do representante religioso de segurar a cabeça do outro indivíduo direcionando-a para a imagem do diabo, está salientando que outras manifestações religiosas

distintas do Cristianismo são do mal ou do demônio.

Vale ressaltar que estas duas possibilidades de análises apontam para a não-transparência da linguagem, pois a Análise do Discurso “não procura um sentido verdadeiro através de uma ‘chave’ de interpretação. Não há chave, há método, há construção de um dispositivo teórico” (ORLANDI 2009, p. 26), ou seja, a língua não é fechada, com apenas um sentido que já vem pronto, pelo contrário, ela permite variados sentidos entre seus interlocutores.

Para além das análises feitas, pode-se perceber que este grafite pode conter uma crítica a esta doutrinação, já que essas mentes são “mais fáceis” de controlar mediante a situação de desesperança de um futuro melhor em que se encontram, e por isso, o discurso religioso é muito propício em lugares como o Centro Histórico de Salvador, pois consegue atingir um maior número de pessoas e converter essas almas a partir da figura divina que é Deus, que é Aquele que dá esperança e vida nova.

3. Considerações finais

Neste trabalho, buscou-se analisar um grafite sob à luz da teoria da Análise do discurso de linha francesa proposta por Pêcheux e aos estudos de Orlandi, considerando-o como uma produção intervencionista do espaço urbano. Partindo do processo de interpretação, tentou-se compreender quais efeitos de sentido eram possíveis, embora não se tenha buscado, em momento algum, a exaustão horizontal destes.

Foi possível analisar os efeitos de sentidos a partir do grafite compreendendo como os discursos significam neste espaço que é o Centro Histórico de Salvador, graças ao funcionamento do interdiscurso que nos permite recuperar a memória sobre a história, sobre os sujeitos e sobre suas relações com o espaço urbano. Em outras palavras, a formulação de sentidos foi determinada pela relação que se estabeleceu com o interdiscurso. O saber discursivo foi se cristalizando ao longo da história e em consequência disso, produziu inúmeros dizeres.

Durante as análises, foi possível verificar como se organizou e se reorganizou o espaço urbano em questão, através dos grafites e de acordo com sua historicidade, pois na prática social, o discurso ao ser produzido e interpretado, constitui uma ação social em um contexto situacional, ideologicamente marcado.

Neste trabalho, constatou-se também como a linguagem se constitui, saindo da perspectiva de se considerar apenas a estrutura linguística, mas também, não olhando somente para o social, ou seja, não é suficiente analisar os sujeitos de um lado e os discursos de outro, e sim a junção da linguagem com o social e com o psicológico, investigando de que maneira os sujeitos se apropriam de dizeres. É a língua em relação à exterioridade.

Foi possível verificar também como a cidade é carregada de sentidos e como os sujeitos se subjetivam nela, neste caso aqui, por meio dos grafites, e como isso afeta a todos, sejam moradores ou turistas, pois inscreve-se significativamente no espaço simbólico de Salvador. Já sobre o Centro histórico foi possível concluir que, apesar dos poderes governamentais tentarem a todo custo transmitir uma imagem de cultura, festas e acolhimento, este é constituído por formações discursivas positivas e negativas que se cruzam a todo tempo e que apontam também para o abandono e a exclusão.

Além disso, ressaltou-se a relevância dessa produção artística, que é o grafite, ao utilizá-la numa análise discursiva, que vai muito além da apreciação visual, visto que, normalmente, não é aceita por determinados públicos, mas que têm um grande valor quando pensamos que é uma forma de levar a arte para uma classe que não tem acesso a teatros, museus, galerias, entre outros; além de fazer críticas e denúncias sociais e ainda ser uma forma de atualizar os ditos sobre um determinado local, ressignificando assim, as imagens estereotipadas que perpassam sobre o mesmo.

Assim, por mais que este tipo de manifestação seja tão criticada enquanto arte, seu valor é incalculável, pois é inegável sua função de modificar e ressignificar o espaço urbano, principalmente, pelo novo olhar que ela permite àqueles que habitam e transitam pela cidade através dos efeitos de sentidos gerados pelos interlocutores. Isso porque o sujeito é inserido numa conjuntura social, histórica e ideológica, cuja voz é formada por um conjunto de vozes sociais, que acaba representando inúmeros indivíduos que são diariamente silenciados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLAUTH, Lurdi. POSSA, Andrea Christine Kauer. Arte, grafite e o espaço urbano. *Revista Palíndromo*, n. 8, p 146-63, 2012. Disponível em:

file://E:/AD/3458-8790-1-PB.pdf . Acesso em: 05 nov. 2018.

FURTADO, J. R.; ZANELLA, V. A. Graffiti e cidade: sentidos da intervenção urbana e o processo de constituição dos sujeitos. *Revista Mal-estar e subjetividade*, v. 9, n. 4, p. 1279-302, Fortaleza, dez/2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v9n4/10.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2019.

GITAHY, C. *O que é grafitti*. São Paulo-SP: Brasiliense, 1999.

Grafite é arte. Disponível em: <https://projetosalvadorgrafita.blogspot.com/>. Acesso em: 18 jul. 2019.

ORLANDI, Eni P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 8. ed. Campinas-SP: Pontes, 2009.

_____. *Discurso e texto: Formulação e circulação dos sentidos*. 2. ed. Campinas-SP: Pontes, 2005.

_____. *Cidade dos sentidos*. Campinas-SP: Pontes, 2004.

_____. *As formas de silêncio: No movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas-SP: UNICAMP, 2007.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. de Eni Pulcinelli Orlandi *et al.* 3. ed. Campinas-SP: UNICAMP, 1997.

Pelourinho: Patrimônio da Humanidade e dos 470 anos de Salvador. Disponível em: <http://www.jornalgrandebahia.com.br/2019/03/pelourinho-patrimonio-da-humanidade-e-dos-470-anos-de-salvador/>. Acesso em: 13 jun. 2019.

SOBRAL, G. N. T.; SANTANA NETO, J. A. (Orgs). *Salvador em discurso: estudos discursivos*. 1. ed. Feira de Santana: UEFS, 2013. V. 1. 104p.

_____; LOPES, N. S. (Orgs). *Salvador em Preto e Branco: Estudos do discurso; estudos sociolinguísticos*. 1. ed. Salvador: Quarteto, 2013. V. 1. 164p.

_____; _____. *A Bahia em perspectivas diversas: Língua e discurso*. 1. ed. Salvador: Quarteto, 2015. V. 1. 144p.

_____; _____. OLIVEIRA, J. (Orgs). *Linguagem na cidade: estudos sócio-discursivos*. 1. ed. Salvador: Quarteto, 2012. V. 1. 152p